

Novas tecnologias/website como possibilidade do debate público ou de publicização das produções e idéias na Educomunicação

Maria Izabel Leão

Mestranda em Educomunicação
mariaiza@usp.br
USP, SP

Eliany Salvatierra Machado

Doutoranda em Educomunicação
elianys@usp.br
USP, SP

Resumo

O objetivo do presente texto é analisar a comunicação na era digital, tomando como estudo de caso o site do Projeto Educom.rádio. Buscaremos compreender os avanços e desafios deste novo espaço, observando se este pode ser considerado uma tecnologia mediadora do debate do diálogo público ou apenas ser utilizado como espaço de visibilidade.

Palavras-chave: Novas Tecnologias, Espaço Público, Educomunicação.

Em março de 2003, quando o Educom.rádio¹ entrou em sua 4ª fase de atuação, o Núcleo de Comunicação e Educação da ECA/USP detectou a necessidade de criar um canal virtual, a fim de alimentar um contato maior com os participantes (alunos, professores e membros da comunidade), não apenas aos sábados (quando a capacitação ocorria), mas a qualquer momento que estes quisessem pesquisar textos de fundamentação teórica sobre educomunicação, ou acessar outras informações referentes ao curso.

A cada nova fase do projeto, que se iniciava de seis em seis meses, o NCE dimensionou que a partir de um canal virtual poderia contar com um instrumento que circulasse as informações entre os cursistas que crescia progressivamente. O site do projeto (www.educomradio.com.br), foi a opção eleita, com a vantagem, ainda, de oferecer um canal de comunicação para a conexão on-line das diversas equipes do NCE, envolvidas com a execução do projeto, assim como para agilizar a implementação de novas atividades definidas pela coordenação pedagógica.

Outra motivação adveio da relação de continuidade que o NCE queria cultivar, junto àqueles que terminavam o curso. Era preciso pensar um modo de promover nos ex-cursistas o interesse em levar adiante a formação continuada na proposta Educomunicativa. E o suporte digita/website seria, nesse sentido, uma referência sempre lembrada por eles, quando quisessem buscar informações disponibilizadas sobre a

¹ Projeto Educom.rádio teve início no segundo semestre de 2001 e terminou no final de 2004 sendo implantando nas 455 escolas de Ensino Fundamental da cidade de São Paulo.

seqüência do projeto a partir dos textos teóricos, produções radiofônicas, crônicas, relatos de experiências, links para outras atividades de comunicação e educação, entre outros. Eles também se sentiam representados e ficavam radiantes ao se verem no site através de fotos ou através de suas produções).

Ao longo de dois anos a comunicação on-line deu ao campo da pesquisa em Educomunicação um posto de observação avançado, uma vez que alunos, professores e membros da comunidade escolar trocaram a posição de espectadores da mídia pelo papel de produtores de programas radiofônicos, enviando as gravações para a equipe de manutenção do site estariam disponibilizando e interagindo com os outros participantes do projeto das 455 escolas espalhadas por toda a cidade de São Paulo, e quem sabe também se tornarem produtores de textos e participarem de discussões no espaço virtual.

Entendemos a Educomunicação como: um conjunto de ações inerentes ao planejamento, implementação e avaliação de processos, programas e produtos destinados a criar e a fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos presenciais ou virtuais, assim como melhorar o coeficiente comunicativo das ações educativas, incluindo as relacionadas ao uso dos recursos da informação no processo de aprendizagem. Em outras palavras, a educomunicação trabalha a partir do conceito de gestão comunicativa (Soares, 2003, p. 43)

As discussões no modelo antigo não ocorreram, mas no decorrer do curso os cursistas mostraram-se capazes de explorar um instrumento como a internet, que combina recursos do audiovisual e da escrita em ligação instantânea com as outras pessoas, constituindo em caráter experimental webrádios e desenvolvendo sites para a comunidade escolar. Nesse sentido Castells (1999) observa que

*"o uso de diferentes meios vem num crescendo ao descrever um sistema de comunicação que fala cada vez mais a língua universal digital, e está promovendo a integração global da produção e distribuição de palavras, sons e imagens de nossa cultura, e personalizando-os ao gosto das identidades e humores dos indivíduos. As redes interativas de computadores crescem exponencialmente, criando novas formas e canais de comunicação, moldando a vida e, ao mesmo tempo, sendo moldadas por ela."*²

Neste sentido podemos considerar que a partir do advento das novas tecnologias o que se considera matéria prima não é mais o que a máquina produzia na época da industrialização como carros, motores, etc, mas novas cognições e informação.

Para Barbero³ quando ocorre à ruptura entre a máquina e o corpo o que entra em jogo é a mediação estrutural das tecnologias digitais que se dão a partir da produção do conhecimento.

"A introdução dos meios audiovisuais e as tecnologias digitais no espaço escolar e na aprendizagem são algumas das causas do deslocamento da aprendizagem. As outras causas são o saber

² CASTELLS, Manuel. A sociedade em Rede. A Era da Informação: economia, sociedade e cultura. V.1, São Paulo: Paz e Terra, 1999.

³ MARTIN-BARBERO, Jesus. Ensanchando Territórios em Comunicación/Educación, in VALDERRAMA, Carlos, Comunicación & Educación, Bogotá, Universidad Central, 2000, p. 101-113.

especializado e a descentralização do saber, o confinamento da escola e o tempo de aprendizagem escolar.”

A introdução das novas tecnologias leva a uma mudança na estrutura do saber, já que os meios de comunicação constituem os espaços decisivos do reconhecimento social, o que pode ser uma nova organização da sociedade, que passaria a ser em rede. Organização homogeneizada no gosto estético, na moda, na culinária, no sexo, no estilo de vida e na exclusão social. Espaços onde os símbolos estão desterritorializados e o poder político e privado atuam contra a autonomia do indivíduo. Nessa perspectiva é necessário operar nas pesquisas e principalmente em suas análises com novos conceitos, novas categorias.

“Hoje a democracia fala outra língua. A língua do corpo, do sexo, da saúde, da subjetividade, da família, da insegurança coletiva reavivando a necessidade de pertencimento o que leva as pessoas a se associarem a comunidades religiosas, estéticas, de bairro, pois os indivíduos não sabem viver sem um mínimo de pertencimento e reconhecimento.”

Fatos como desterritorialização, novas formas de conhecimento e novas formas de cidadania vão provocar transformações nos modos de estar junto e de se comunicar. Por isso o espaço educativo, seja físico ou virtual, deve converter-se em lugar de criatividade e participação. Para Barbero, por exemplo

“a escola tem que potencializar a sensibilidade dos jovens, os modos de perceber e articular a intuição e a lógica, a imaginação científica e a estética artística. Ela precisa exercer a participação que significa compartilhar a ação com os outros, tornar-se um lugar de re-imaginação e recreação do espaço público. Lugar de conversação entre jovens e velhos, crianças e adultos, convertendo-se em espaço público de memória e invenção do futuro.”⁴

A partir deste ponto de vista podemos afirmar que o site do Projeto Educom.rádio não cumpriu o papel na concepção de “espaço público” físico, mas atuou na construção de um possível espaço público midiático.

Um possível espaço público midiático – Hoje, a partir do advento da Internet há mais de 20 anos, milhões de pessoas encontram-se conectadas ao redor do mundo, trocando informações dos mais variados temas, utilizando tecnologias diversas como vídeo, áudio, fotos, textos, construindo um espaço midiático virtual democrático e público em comparação com todos os espaços da mídia impressa, televisiva e radiofônica. Sendo assim podemos afirmar que a história da tecnologia anunciou a chegada da era da informação em grande escala.

“Quando, mais tarde, a tecnologia digital permitiu o empacotamento de todos os tipos de mensagens, inclusive o som, imagens e dados, criou-se uma rede que era capaz de comunicar seus nós sem usar centros de controles. A universalidade da linguagem digital e a pura lógica das redes dos sistemas de comunicação geraram as condições tecnológicas para a comunicação global horizontal.”⁵

⁴ MARTIN-BARBERO, Jesus. Ensanchando Territórios em Comunicación/Educación, in VALDERRAMA, Carlos, Comunicación & Educación, Bogotá, Universidad Central, 2000, p. 101-113.

⁵ CASTELLS, Manuel. A sociedade em Rede. A Era da Informação: economia, sociedade e cultura. V.1, São Paulo: Paz e Terra, 1999.

O que realmente possibilitou o futuro acesso da internet foi o desenvolvimento, em 1991, da World Wide Web (WWW), um sistema de hipertexto que tornou mais fácil navegar pela rede mundial, organizando o teor dos sítios da internet por informações, e não por localização, oferecendo aos usuários um sistema fácil de pesquisa para procurar as informações desejadas.

O software da WWW foi distribuído gratuitamente pela internet e os primeiros sites da web foram criados por grandes centros de pesquisa científica espalhados pelo mundo. Vale ressaltar que a distribuição gratuita dos softwares já tinha como um fim a comercialização posterior.

A internet não foi planejada especificamente por alguém. É um conjunto de redes, que não deve pertencer a uma pessoa física nem ser controlada por um grupo. Cada rede é independente e pode ser dirigida como preferirem seus usuários. Esta é a causa da grande diversidade que se pode achar na internet e também da dificuldade de encontrar informações que a caracterizam. Discussões sobre a quantidade de sites pornográficos e terroristas estão levantando a possibilidade de um controle efetivo da rede. Para alguns pesquisadores isto pode ser o início da privatização do que deveria ser de uso público. No Brasil a internet começa efetivamente em 1988, quando a Fapesp – Fundação de Apoio à Pesquisa no Estado de São Paulo, ligada à Secretaria Estadual de Ciência e Tecnologia, buscou o acesso à rede nos EUA.

Em 1995, os ministérios das Comunicações e da Ciência e Tecnologia publicaram uma portaria conjunta criando uma figura do provedor de acesso privado e liberando a operação comercial da internet no Brasil. A internet cresceu muito em 96: inúmeros provedores começaram a vender assinaturas para acesso à rede. Em 97, pela primeira vez, os brasileiros puderam entregar seus relatórios de imposto de renda pela internet. Em 1999, o número de internautas já ultrapassava a marca dos 2,5 milhões.

Um balanço feito pelo Ibope e Ratings entre setembro de 2000 a setembro de 2002 informou que o número de usuários cresceu em média 50%, passando de 5,1 milhões de internautas ativos há dois anos para 7,68 milhões em outubro deste ano de 2002. Os sites mais acessados pelos brasileiros atualmente são UOL, Terra, Globo, Google, Yahoo.

Informes divulgados pelo Comitê Gestor da Internet⁶ (dia 20/12/2005) revelam que o Brasil possui 786 mil endereços com final “.com.br”. O acesso doméstico à web cresceu, no mês de novembro de 2005, 17,5% em relação a janeiro deste ano. No último mês, 12,52 milhões de brasileiros acessaram a rede mundial de computadores a partir de suas casas. O total de horas navegadas atingiu 17hs53min. O Brasil permanece líder em tempo de acesso em relação aos 11 países monitorados pela Nielsen/NetRatings.

Calcula-se que já existam mais de 11 milhões de computadores instalados no Brasil, o que dá uma média de um computador para cada 16 habitantes. Pelo menos 14 milhões de pessoas estão conectadas à Internet. Há 11 anos, menos de 1% da população do planeta tinha acesso à internet. Essa taxa, hoje, chega a 80% em alguns países.

Com isso a Internet vem apresentando forte presença no cotidiano das famílias brasileiras de modo a constituir uma nova forma de ser. Em diferentes aspectos do interesse de seus usuários, mesmo no caso do

⁶ Página do Comitê Gestor da Internet – www.cgi.br, acessada no dia 7 de janeiro de 2006, às 12h00.

Brasil, podemos constatar o quanto a mídia digital e, em especial, a Internet e os sites estão presentes no trabalho, na educação, no lazer das famílias de poder aquisitivo elevado. Mesmo as classes de baixo poder aquisitivo, vêm tendo acesso a esta tecnologia devido às políticas públicas de inclusão digital, fomentada por governantes e sociedade civil, através de programas de capacitação para docentes, instrumentalização de escolas, criação de centros públicos de informática, dentre outras ações; e porque todo cidadão, usuário de informática, depara-se com ela em seu cotidiano como em bancos, supermercados, shoppings, aeroportos, etc.

A partir deste breve resgate histórico percebemos o quanto essa nova tecnologia, que não tinha a pretensão de ser uma tecnologia de comunicação de longo alcance e de massa, vem se tornando, principalmente no Brasil, um meio de informação e de pesquisa e sendo apontada como um novo espaço público midiático de construção do conhecimento e de comunicação. Neste caso a comunicação é vista na perspectiva de comunidades compartilhadas, espaço de vínculos afetivos, de troca e de diálogo.

Site informativo ou comunicativo? – Os sites ou páginas eletrônicas são utilizadas atualmente de várias formas. Existem aqueles que divulgam a informação, quase sempre institucionais ou promocionais, permitindo a publicação virtual – no caso o movimento do fluxo é do usuário para a rede, tornando-o produtor da informação. Outros permitem que os usuários experimentem eventos em tempo real – a informação é do usuário com elementos interativos presentes na página. Há também aqueles conhecidos como “telecursos” que estimulam o fluxo de informação bidirecional, entre aluno e tutor; e por final os sites colaborativos que iniciam de “um para um” e avançam de “muitos para muitos”, propiciando a criação de comunidades virtuais de aprendizagem.

Como afirmamos anteriormente a web é uma rede na qual uma complexa malha de informações se interligam e a tecnologia hipertextual⁷ permite os elos entre os pontos diversos. Sendo assim, cada página, cada site, traz em si o potencial de se intercomunicar com todos os outros pontos da rede. Podemos até mesmo afirmar que páginas bem projetadas incluem conexões a outras páginas, as quais, por sua vez, também trazem conexões a outras e assim sucessivamente. Desta forma, de um ponto da rede pode-se alcançar outros que também possibilitam outros acessos.

Um site trabalha com a simultaneidade, alterando as dimensões do espaço e tornando presente e disponível algo que está distante no espaço geográfico. Pelo conjunto de suas características, podemos afirmar que o site é uma nova mídia que permite uma nova dimensão. É um espaço de circulação simbólica, de fluxos incessantes, arquivo vivo que renova a todo instante idéias, produtos e informações.

Além de sua estrutura rizomática e um universo de conteúdos, a característica mais importante dessa nova mídia é a possibilidade de interatividade, diálogo entre os milhões de terminais espalhados pelo mundo e no caso do site do Projeto Educom.rádio, também com as 455 Escolas Municipais de Ensino Fundamental (ampliando as possibilidades de comunicação e uso interdisciplinar, integrando tecnologias e educação).

⁷ Segundo Lucia Leão, hipertexto – em geral é composto por blocos de informações e por vínculos eletrônicos (links) que ligam esses elementos.

Por isso o ciclo de produzir a informação – fosse essa radiofônica, visual ou audiofônica –, se apropriar do conhecimento midiático, trabalhar em equipe e avaliar o produto (proposta pedagógica da educomunicação) se completou com o reconhecimento que os cursistas fizeram de si e da comunidade, ao ouvir os programas na Internet, através do site do Projeto Educom.rádio.

A elaboração de projetos individuais ocorreu sempre no final do semestre (tempo de duração do curso para cada turma). Os participantes produziam, por escola, um projeto para resolver ou minimizar os efeitos de um determinado problema diagnosticado em sua unidade de ensino. Nestes projetos, os meios de comunicação foram incluídos em ações planejadas pela comunidade escolar – pouco mais de 54% delas decidiram criar seu próprio site, replicando a experiência testada no curso, a partir dos pressupostos metodológicos da educomunicação.

A educomunicação tem como objetivo implantar ecossistemas comunicativos em espaços educativos formais e não formais, são processos mediados pela comunicação ou pelas mídias que possibilitam que as várias categorias que compõem uma comunidade estabeleçam o diálogo de forma franca, aberta e democrática. Neste sentido, o site do Projeto Educom.rádio foi criado para ser um espaço na web de troca, de compartilhamento, de diálogo nos moldes do ecossistema comunicativo.

É possível afirmar que o site do projeto seja uma tecnologia mediadora do diálogo no espaço público?

Espaço público midiático ou não – Sousa⁸ através de suas diversas pesquisas vêm sistematizando o conceito de espaço público para compreender o espaço público midiaticizado.

Nos anos 60 Habermas discute na sua obra sobre “Mudança Estrutural da Esfera Pública”⁹ a existência do espaço público dentro do contexto da democracia alemã. Ele apresenta três tipos de espaços públicos: o grego, o romano e o burguês.

É no espaço grego que se inicia a democracia. As pessoas começam a discutir os interesses da sociedade na ágora. Contudo, só poderia pertencer a este espaço público quem tivesse domínio da esfera privada (em casa, no trabalho e principalmente economicamente). Esse espaço público se caracterizava por ser um espaço de negociação coletiva, argumentado e racional sobre os interesses da sociedade na dimensão política (somente os cidadãos da Polis participava, as mulheres e os estrangeiros não participavam dos debates). É nesse ponto que inicia-se a democracia representativa – alguém representando os indivíduos na esfera pública. A publicização ocorria com cidadãos livres que discutiam (ou disputavam) argumentativamente sobre os interesses da sociedade.

Já no espaço público romano a família é agregadora. Vale recordar a ênfase que Hannah Arendt confere à própria especificidade da configuração do espaço público romano:

“no qual se projetam, nitidamente, elementos do espaço privado (vejam-se os padres na constituição do Senado Romano). Todavia, como ela mesma ressalva, se a vida em comunidade

⁸ SOUSA, Mauro Wilton de. Discussão apresentada na disciplina “Embates e Debates: a cultura política e a comunicação na contemporaneidade”, segundo semestre de 2005, ECA/USP.

⁹ HABERMAS, J. *Mudança Estrutural da Esfera Pública*. Ed. Biblioteca Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, 1984.

privada decorria da necessidade, a vida na civitas, no espaço público, era uma exigência da liberdade. Se no privado as relações se davam em planos desiguais, no público visava-se à igualdade. (...) Os três elementos que, de plano, se destacam na análise de Hannah Arendt sobre as virtudes da civilização romana retratadas na noção de espaço público são: o caráter sagrado da fundação, a autoridade e a tradição.”¹⁰

O espaço público burguês surge na experiência da modernidade. Nesta época havia a discussão política, dando origem a noção de parlamento. Neste mesmo período ocorre a construção da imprensa de opinião responsável pela reprodução das idéias literárias e artísticas de forma livre. Na verdade, no momento em que a imprensa passou a ser mantida pelo capital burguês ela deixa de ser pública e passa a ser regrada pela lógica de mercado, substituindo a racionalidade pelos interesses corporativos e comerciais. É o fim da imprensa de opinião. É neste período que acaba o espaço público e não há como fazê-lo ressurgir como um espaço de troca e discussão.

Habermas ao fazer esse resgate histórico do espaço público percebe que após o período burguês ele passa a ser midiaticizado não sendo mais considerado como um espaço de argumentação e debate.

Para Sousa não há mais a possibilidade de um espaço único coletivo. Agora este espaço é fragmentado, parcial e necessariamente de conflito. Estamos vivendo um espaço público midiático e simbólico. Espaço público que requer novas categorias de análise e principalmente um novo lugar de onde se olha o objeto analisado.

Miége (1999)¹¹ afirma que esse espaço público midiático se caracteriza pela multiplicidade de dispositivos e aparentemente é constituído por uma justaposição de espaços ‘parciais’ que não se comunicam entre si.

Como a sociedade encontra-se fragmentada tem se tentado promover a mídia como espaço central do comum social. Vale ressaltar que neste texto estamos tratando do espaço público midiático virtual, que se dá na internet, uma mídia que possibilita ver, ouvir e falar simultaneamente com outras pessoas em lugares e tempos diferentes e distintos.

Essa nova dimensão da comunicação vem causando mudanças no sujeito, no seu cotidiano, na sua cultura, no seu trabalho e na sua participação social. Essas mudanças compõem o sujeito da pós-modernidade que é individual e só ganha contorno no coletivo. É esse sujeito o usuário de um site, por exemplo. Por isso é importante entendermos as características dele para podermos fazer uma mídia plural e aberta às mais diversas classes e setores sociais.

Stuart Hall reconhece que estamos vivendo hoje na sociedade pós-moderna uma crise de identidade, devido a “descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos” (Hall, 1999, p. 9).

¹⁰ TAVARES, Ana Lucia de Lyra. Elementos Romanos na Noção de Espaço Público em Hannah Arendt. In: http://www.puc-rio.br/sobrepucc/depto/direito/revista/online/rev11_analucia.html, acessado no dia 7 de janeiro de 2005, às 19H26.

¹¹ MIÉGE, Bernard. O espaço público: perpetuado e fragmentado. Revista Novos Olhares, ano 2, número 3, USP, São Paulo, 1º semestre de 1999.

A sociedade do século XX vive num contexto onde estão se fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero e sexualidade, etnia, raça e nacionalidade que no passado nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Para Sousa (1999, p. 17) essa crise se deve ao fato de não termos referências para viver a vida.

Na pós-modernidade num piscar de olhos, você pode estar em qualquer parte do mundo e quanto mais a vida social é mediada pelos meios de comunicação, mais as identidades se tornam desvinculadas das suas tradições, da sua história, do tempo e lugar.

Por isso Bauman (2004)¹² afirma que a "identidade é líquida", muda e fragmenta-se constantemente. É criada em cima do estético, do visual, características que compõem o espaço virtual. É fraca, negociada conforme as relações que se criam e se desfaz num piscar de olhos. O autor defende que os valores que estruturam a sociedade não são mais tão sólidos quanto eram na década de 1960. Atualmente esses valores podem ser mais associados ao estado líquido do que ao sólido, por serem mais maleáveis e não completamente absolutos, permanentes e duráveis quanto eram. Essa reflexão se estende para os relacionamentos entre as pessoas, para a economia dos países e para modelos políticos.

Na modernidade, o que valia era a identidade nacional construída a priori das práticas e colocada como padrão e reguladora da vida social. Hoje, na pós-modernidade a identidade é imaginada e está em trânsito, é nômade conforme afirma Mafesoli (2005).

"Um dos elementos desse nomadismo é a internet, isto é, como se vai reutilizar a tela para, de uma maneira horizontal, entrar em contato com pessoas, participar de fóruns de discussões filosóficas, pesquisas sexuais, espirituais... Um das definições que atribuí à 'pós-modernidade' é a sinergia entre o arcaísmo e o desenvolvimento tecnológico. É verdade que o nomadismo é uma boa ilustração disso. Simultaneamente estou em casa diante do computador e posso estar ligado aos quatro cantos do mundo em função de meus gostos. É uma espécie de contração do tempo e do espaço."¹³

O sujeito líquido de Bauman prefere pertencer a uma rede interconectada virtualmente em que as relações não são ameaçadoras tanto quanto na vida real e podem se desfazer num clique.

Vimos no início deste texto que é através da tecnologia digital que todos os tipos de mensagens, inclusive o som, imagens e dados foram incorporados no espaço virtual criando-se uma rede capaz de comunicar seus nós sem usar centros de controles. Essa nova comunicação caracteriza-se pela universalidade da linguagem digital e pela lógica das redes dos sistemas de comunicação que acabaram por gerar as condições tecnológicas para a comunicação global horizontal.

¹² BAUMAN, Zygmunt Bauman. *Amor Líquido – Sobre as Fragilidades das Relações Humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2004.

¹³ Entrevista de Michel Mafesoli no site do <http://busca.estadao.com.br/ext/frances/maffesoli2.htm>, acessado no dia 14 de dezembro de 2005, às 20h42.

Sua forma rizomática¹⁴ privilegia o múltiplo, o diverso, as relações e as dinâmicas das conexões ramificadas em todos os sentidos. É por isso que a possibilidade cognitiva não se dá na seqüencialidade, mas na descentralização do sistema de escrita hipertextual.

A hipótese discutida neste trabalho é que o entendimento que se dá ao conceito de diálogo passa por uma ressignificação. Se o conceito de espaço público midiático muda com o advento das novas tecnologias a forma do diálogo também muda. Aquele diálogo que antes acontecia face-a-face, linearmente, logicamente, com começo, meio e fim, hoje se faz de forma fragmentada, descentralizada, com linguagem própria, em que os referenciais simbólicos são o que se passa na novela, no jogo de futebol, no Big Brother, no hip-hop. O diálogo não é mais mediado pela racionalidade e sim pela emoção, pelo prazer, pelo desejo. O que predomina é a antinarrativa, não linear e caótica, em que a visibilidade, outra hipótese levantada, é necessária na pós-modernidade, uma vez que a pessoa só se faz presente quando se torna pública, aparente, em evidência. É uma nova forma de organização social, repleta de recantos e em transformação constante.

Referências

BAUMAN, Z. 2004. *Amor Líquido – Sobre a Fragilidade das Relações Humana*. Jorge Zahar.

CASTELLS, M. 1999. *A Sociedade em Rede*. São Paulo, Paz e Terra.

HALL, S. 1999. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro, Ed. DP e A.

MARTIN-BARBERO, J. 1999. Pré-textos – Centro Editorial Univ. del Valle, Cali, Colômbia, 1995B. In: M., WILTON, Prática de Recepção Mediática como Práticas de Pertencimento Público. *Revista Novos Olhares*, ano 2, (3):, 1º sem. 1999.

MIÉGE, B. 1999. O espaço público: perpetuado e fragmentado. *Revista Novos Olhares*, ano 2, (3):, São Paulo, USP, 1º sem. 1999.

LEÃO, L. 2005. *O labirinto da hipermídia. Arquitetura e navegação no ciberespaço*. São Paulo, Iluminuras. p. 27.

SOARES, I. de O. 1999. Comunicação/educação: a emergência de um novo campo e o perfil de seus profissionais. In: *Contato: revista brasileira de comunicação, arte e educação*. Ano 1, (2):, jan./mar. 1999.

_____. 2002. Gestão comunicativa e educação: caminhos da educomunicação. *Revista Comunicação e Educação*, (23):16, ano VIII, jan./abril 2002.

¹⁴ Rizomático é um termo empregado por Deleuze e Guattari para designar um modelo semântico oposto às concepções de árvore com hierarquia, centro e ordem de significação. In: DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. *Rizoma: introducción*. México: Premia, 1983.

TAVARES, A. L. de L. Elementos Romanos na Noção de Espaço Público em Hannah Arendt. *In*: http://www.puc-rio.br/sobrepuc/depto/direito/revista/online/rev11_analucia.html, acesso em 7/01/2005.